

UNIVERSIDADE DO GRANDE ABC
- LITERATURA PORTUGUESA II -
COLETÂNEA DE TEXTOS



Liberdade guiando o povo - Delacroix

Prof. Ms. Flavio F. Botton

3º Edição – Jan 2006

(1º edição 2003)

ÍNDICE

ARCADISMO.....3

ROMANTISMO.....4

REALISMO.....8

SIMBOLISMO.....11

SUGESTÕES DE LEITURA.....13

ARCADISMO

POEMAS DE BOCAGE

1. Já se afastou de nós o Inverno agreste
 Envolto nos seus úmidos vapores;
 A fértil Primavera, a mãe das flores,
 O prado ameno de boninas veste.

Varrendo os ares, o sutil nordeste
 Os torna azuis; as aves de mil cores
 Adejam entre Zéfiro e Amores,
 E toma o fresco Tejo a cor celeste.

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
 Destes alegres campos a beleza,
 Destas copadas árvores o abrigo.

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
 Quanto me agrada mais estar contigo
 Notando as perfeições da Natureza !

2.
 Marília, nos teus olhos buliçosos
 Os amores gentis seu facho acendem;
 A teus lábios, voando, os ares fendem
 Terníssimos desejos sequiosos.

Teus cabelos sutis e luminosos
 Mil vistas cegam, mil vontades prendem;
 E em arte aos de Minerva se não rendem
 Teus alvos, curtos dedos melindrosos.

Reside em teus costumes a candura,
 Mora a firmeza no teu peito amante,
 A razão com teus risos se mistura.

És dos céus o composto mais brilhante;
 Deram-se as mãos Virtude e Formosura,
 Para criar tua alma e teu semblante.

3.
 Olha, Marília, as flautas dos pastores
 Que bem que soam, como estão cadentes!
 Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
 Os Zéfiro brincar por entre as flores?

Vê como ali beijando-se os Amores
 Incitam nossos ósculos ardentes!
 Ei-las de planta em planta as inocentes,
 As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
 Ora nas folhas a abelhinha pára,
 Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
 Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não
 Mais tristeza que a morte me causara.

4.
 Sobre estas duras, cavernosas fragas,
 Que o marinho furor vai carcomendo,
 Me estão negras paixões n'alma fervendo
 Como fervem no pego as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
 De meus erros e sombra esclarecendo,
 E vás nele (ai de mim!) palpando, e vendo
 De agudas ânsias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
 Mil objectos de horror co'a idéia eu corro,
 Solto gemidos, lágrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu socorro?
 Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
 Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro
 5.
 Meu ser evaporei na lida insana
 Do tropel de paixões, que me arrastava.
 Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
 Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
 Existência falaz me não dourava!
 Mas eis sucumbe a Natureza escrava
 Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
 Esta alma, que sedenta em si não coube,
 No abismo vos sumio dos desenganos.

Deos, oh Deos!... Quando a morte a luz me roube,
 Ganhe num momento o que perderam anos,
 Saiba morrer o que viver não soube.

6.
 Magro, de olhos azuis, carão moreno,
 Bem servido de pés, meão na altura,
 Triste de facha, o mesmo de figura,
 Nariz alto no meio, e não pequeno:

Incapaz de assistir num só terreno,
 Mais propenso ao furor do que à ternura;
 Bebendo em néveas mãos por taça escura
 De zelos infernais letal veneno:

Devoto incensador de mil deidades
 (Digo, de moças mil) num só momento,
 Inimigo de hipócritas, e frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
 Saíram dele mesmo estas verdades
 Num dia em que se achou cagando ao vento.

7. Nariz, nariz, e nariz,
 Nariz, que nunca se acaba;
 Nariz, que se ele desaba,
 Fará o mundo infeliz;
 Nariz, que Newton não quis
 Descrever-lhe a diagonal;
 Nariz de massa infernal,
 Que, se o cálculo não erra,
 Posto entre o Sol e a Terra,
 Faria eclipse total

ROMANTISMO

Os sofrimentos do jovem Werther – Goethe (excertos)

Introdução

Juntei cuidadosamente tudo quanto me foi possível recolher a respeito do pobre Werther, e aqui vos ofereço, certo de que mo agradecereis. Sei, também, que não podereis recusar vossa admiração e amizade ao seu espírito e caráter, vossas lágrimas ao seu destino. E a ti, homem bom, que sentes as mesmas angústias do desventurado Werther, possas tu encontrar alguma consolação em seus sofrimentos! Que este pequeno livro te seja um amigo, se a sorte ou a tua própria culpa não permitem que encontres outro mais à mão! (...)

As paixões do insensato

- Aí o caso é completamente diferente – replicou Alberto – porque um homem que é arrastado pelas suas paixões perde toda a capacidade de raciocinar e passa a ser encarado como um ébrio, como um demente.

- Ai de vós todos tão sensatos! – exclamei sorrindo. – Paixão! Embriaguez! Loucura! Conservai-vos tão serenos, tão desinteressados, vós, os moralistas; cobris de injúrias o bêbado, detestais o insensato, passais ao largo como o sacerdote e agradeceis a Deus, tal o fariseu, por não vos ter feito iguais a eles. Mais de uma vez me embriaguei, minhas paixões nunca estiveram longe da loucura e não me arrependo nem de uma coisa nem de outra, apesar de terem-me ensinado que sempre se haveria de menosprezar todos os indivíduos excepcionais que fizeram algo de grandioso, algo de aparentemente irrealizável!

Mas também na vida cotidiana é insuportável ouvir quase sempre gritar para qualquer um empenhado numa ação livre, nobre, inesperada: “É um bêbado, está louco!” Envergonhai-vos, vós todos são sóbrios! Envergonhai-vos, vós todos tão sensatos!

O Sentimento da Natureza

O sentimento cabal, fervoroso do meu coração pela Natureza completa de vida que se inundava de infindáveis deleites, que transformava o mundo que me cerca num paraíso, está-se convertendo para mim num verdugo insuportável, num espectro atormentador que me persegue por todos os caminhos. Quando, outrora, contemplava de um rochedo o fértil vale, que além do rio, se estendia até as colinas e via tudo em redor a germinar e a desabrochar; quando eu avistava aquelas montanhas cobertas, do sopé ao cume, de grandes árvores frondosas, os vales sinuosos sombreados pelos mais belos bosques, e a corrente remansosa que deslizava entre os juncos sussurrantes, refletindo as brandas nuvens que o ar suave da tarde impelia na atmosfera; quando, depois, escutava os pássaros encherem a floresta de alegria e os milhares de enxames de moscardos dançavam animadamente ao último raio rubro do sol, cujo derradeiro olhar vibrante trazia o escaravelho zumbidor para fora das ervas e os zunidos e o rumorejar à minha volta atraíam o meu olhar para o chão, e o musgo que tira o seu sustento do rochedo duro em que estou e a giesta que cresce pelas áridas encostas de areia iniciavam-me na vida secreta, ardente e sagrada da Natureza: como eu acolhia todas essas coisas no meu coração extasiado, sentia-me como um deus em meio à plenitude transbordante, e as formas admiráveis do universo infinito giravam na minha alma e tudo transmitindo uma vida nova. Montanhas colossais faziam cerco em torno de mim, abismos abriam-se à minha frente e torrentes precipitavam-se impetuosamente, os rios corriam em fúria a meus pés, florestas e montanhas ressoavam formidáveis fragores; e eu via todas as forças misteriosas agindo e operando umas sobre as outras, nas profundezas da terra; e à superfície, sob o firmamento, fervilhavam todas as espécies de múltiplos seres. Tudo, tudo repleto de milhares de formas; e os homens, depois, protegendo-se juntos em arremedos de casas e, em pensamento, reinando sobre o vasto Universo! Pobre louco, que consideras tudo tão insignificante, sendo tu tão ínfimo. – Da montanha inacessível, por sobre o deserto que nenhum pé trilhou, até os confins do oceano desconhecido sopra o espírito do eterno Criador que se regozija por cada grão de pó que sente a sua presença e que vive. – Ah! Naquele tempo, quantas vezes ansiei transportar-me para as praias do imenso oceano nas asas do grou que passava voando lá no alto naquela direção, beber da taça borbulhante do infinito as volúpias da vida que dilatam o coração e sentir um só instante, na veemência represada do meu peito, uma gota da bem-aventurança desse ser que tudo gera em si e por si.

Amor

A razão por que eu não lhe tenho escrito? E é você que mo pergunta, você que se inclui entre os sábios? Pode

bem adivinhar que sou feliz, e mesmo... Em duas palavras, conheci alguém que tocou o meu coração. Eu... eu não sei o que diga... Não é fácil contar-lhe, metodicamente, as circunstâncias que me fizeram conhecer a mais adorável das criaturas. Sinto-me contente, feliz; serei, portanto, um mau narrador. É um anjo!... Bolas! Já sei que todos dizem isso da sua amada, não é verdade? Entretanto, é-me impossível dizer a você o quanto ela é perfeita, nem por que é tão perfeita. Só isto basta: ela tomou conta de todo o meu ser. (...)

Última carta

(...) você trazia no corpete, quando a vi pela primeira vez em meio das suas crianças... Oh! beije-as mil vezes por mim e conte-lhes a história do seu desgraçado amigo! Queridas crianças! Vejo-as alvoroçadas em torno de mim! Ah! Como me prendi a este nó cor-de-rosa, como, desde o primeiro momento, não mais pude deixá-lo... Irá comigo para o túmulo; você mo deu no dia do meu aniversário natalício. Com que sofreguidão o recebi! Não pensava que tudo me havia de conduzir até aqui!... Calma, peço-lhe, calma!

Elas estão carregadas... bateu meia-noite! Assim seja, então!... Carlota, Carlota! Adeus, adeus!

Narração

Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o estampido, mas, como tudo voltou ao completo silêncio, não se inquietou mais.

Às 6 horas da manhã, ao entrar com uma lâmpada, o criado encontrou o amo estendido no solo. Vendo as pistolas e o sangue, chamou-o, sacudindo-o. Nenhuma resposta. Werther estertorava. Correu ao médico, foi à casa de Alberto. Carlota ouviu bater e sentiu um arrepio por todo o corpo. Despertou o marido e ambos saltaram da cama. O criado, gritando e gaguejando, deu-lhes a notícia. Carlota caiu sem sentidos aos pés de Alberto.

Quando o médico chegou, o desgraçado jazia no soalho. Não havia mais esperanças de salvá-lo, pois, conquanto o pulso ainda batesse, todos os membros estavam paralisados. Ele havia metido uma bala na cabeça, acima do olho direito, e os miolos saltaram para fora. Fazendo uma tentativa, deram-lhe uma sangria no braço; o sangue correu e ele continuou a respirar. A mancha de sangue que se via no espaldar da poltrona provou que Werther estava sentado à sua secretária quando disparou a arma; que em seguida tombara e, debatendo-se na convulsão, rolara ao lado da mesma poltrona. Estirado em decúbito dorsal, perto da janela, não teve mais forças para fazer qualquer movimento. Estava completamente vestido e calçado, envergando um fraque azul e um colete amarelo.

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE CAMÕES - Almeida Garret

A índole deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca dantes navegados.

Conheço que ele está fora das regras, e que, se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei as regras nem a princípios que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz por imitar o estilo de Byron, que tão ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os franceses a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e cometer impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, ofusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma), e por isso me deixo ir por onde me levam minhas idéias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros nem inverter as minhas nas deles: isso é para literatos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu aborreço.

A ação do poema é a composição e publicação dos *Lusíadas*; os outros sucessos que ocorrem são de fato episódicos, mas fiz por os ligar com a principal ação. Tão sabida é a fábula ou enredo dos *Lusíadas* e a vida de seu autor, que nem tenho mais explicações que fazer a esse respeito, nem será difícil ao leitor o distinguir no meu opúsculo o histórico do imaginado: mas não separará decerto muita coisa, porque das mesmas ficções que introduzi têm sua base verdadeira as mais delas.

Sobre ortografia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque não a temos) direi só que segui sempre a etimologia em *razão composta* com a pronúncia; que acentos só os pus onde sem eles a palavra se

confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer método mais acertado, apenas haja algum geral e razoável em português: o que é tão fácil e simples seria se a nossa Academia e Governo em tão importante coisa se empenhassem.

A MORTE NO ROMANTISMO – Hegel (Excerto)

Na arte romântica, (...) a morte é apenas um perecer da alma natural e da subjetividade finita, um perecer que somente procede negativamente contra o negativo em si mesmo, que preserva o verdadeiro e, por isso, proporciona ao espírito a libertação da sua finitude e ruptura, bem como a reconciliação espiritual do sujeito com o Absoluto. Para os gregos, só a vida, unida à existência natural, exterior, própria deste mundo, era afirmativa, e a morte, por essa razão, a mera negação, o fim da realidade imediata. Mas na concepção de mundo romântica, a morte tem o significado da negatividade, isto é da negação da negação, e por isso, transforma-se tanto numa afirmativa, como num ressurgimento do espírito a partir da sua mera naturalidade e finitude inadequada. A dor e a morte da subjetividade agonizante convertem-se em regresso a si, em satisfação, bem-estar, e nessa existência afirmativa e reconciliada que o espírito somente pode atingir mediante a cessação da sua existência negativa, na qual ele está isolado da sua verdade e da sua vida reais. Esta tarefa fundamental não diz respeito apenas à morte, com a qual o homem depara na Natureza, mas também a um processo que o espírito, mesmo livre desta negatividade exterior, tem de levar a efeito em si mesmo, para viver em plenitude.

O NOIVADO DO SEPULCRO

Soares de Passos (1826-1860) - BALADA

Vai alta a lua! na mansão da morte
Já meia-noite com vagar soou;
Que paz tranquila; dos vaivéns da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranquila!... mas eis longe, ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante a um monge,
D'entre os sepulcros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cipreste,
O mocho pia na marmórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se!... com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto duma cruz alçada,
Que entre ciprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se e com a voz magoada
Os ecos tristes acordou assim:

"Mulher formosa, que adorei na vida,
"E que na tumba não cessei d'amar,
"Por que atraíças, desleal, mentida,
"O amor eterno que te ouvi jurar?

"Amor! engano que na campa finda,
"Que a morte despe da ilusão falaz:

"Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
"Do pobre morto que na terra jaz?

"Abandonado neste chão repousa
"Há já três dias, e não vens aqui...
"Ai, quão pesada me tem sido a lousa
"Sobre este peito que bateu por ti!

"Ai, quão pesada me tem sido!" e em meio,
A fronte exausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

"Talvez que rindo dos protestos nossos,
"Gozes com outro d'infernal prazer;
"E o olvido cobrirá meus ossos
"Na fria terra sem vingança ter!

– "Oh nunca, nunca!" de saudade infinda
Responde um eco suspirando além...
– "Oh nunca, nunca!" repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as formas divinas, airosas,
Longas roupagens de nevada cor;
Singela c'roa de virgíncias rosas
Lhe cerca a fronte dum mortal palor.

"Não, não perdeste meu amor jurado:
"Vês este peito? reina a morte aqui...
"É já sem forças, ai de mim, gelado,
"Mas inda pulsa com amor por ti.

"Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
 "Da sepultura, sucumbindo à dor:
 "Deixei a vida... que importava o mundo,
 "O mundo em trevas sem a luz do amor?"

"Saudosa ao longe vês no céu a lua?
 – "Oh vejo sim... recordação fatal!
 – "Foi à luz dela que jurei ser tua
 "Durante a vida, e na mansão final.

"Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
 "Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
 "Quero o repouso de teu frio leito,
 "Quero-te unido para sempre a mim!"

E ao som dos pios do cantor funéreo,
 E à luz da lua de sinistro alvor,
 Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério
 Foi celebrada, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
 Já desse drama nada havia então,
 Mais que uma tumba funeral vazia,
 Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
 Das sepulturas o gelado pó,
 Dois esqueletos, um ao outro unido,
 Foram achados num sepulcro só.

LENDAS E NARRATIVAS (EXCERTOS)

ALEXANDRE HERCULANO - (1839)

Trova Primeira

1.

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia. E não me digam no fim: - não pode ser. - Pois eu sei cá inventar cousas destas ? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague. Juro-vos que, se me negas esta certíssima história, sois dez vezes mais descridos que São Tomé antes de ser grande santo. E não sei se estarei de ânimo de perdoar-vos como Cristo lhe perdoou. Silêncio profundíssimo; porque vou principiar.

2.

D. Diogo Lopes era um infatigável monteiro: neves da serra no inverno, sóis dos estevais no verão, noites e madrugadas, disso se ria ele.

Pela manhã cedo de um dia sereno, estava D. Diogo em sua armada, em monte selvoso e agreste, esperando um porco montês, que, batido pelos caçadores, devia sair naquela assomada.

Eis senão quando começa a ouvir um cantar ao longe: era um lindo, lindo cantar.

Alevantou os olhos para uma penha que lhe ficava fronteira: sobre ela estava assentada uma formosa dama: era a dama quem cantava. O porco fica desta vez livre e quite; porque D. Diogo Lopes não corre, voa para o penhasco.

- Quem sois vós, senhora tão gentil; quem sois, que logo me cativastes?

- Sou de tão alta linhagem como tu; porque venho do sêmel dos reis, como tu, senhor de Biscaia.

- Se já sabeis quem eu seja, ofereço-vos a minha mão, e com ela as terras e os vassalos.

- Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para seguires tuas montarias; para o desporto e folgança de bom cavaleiro que és. Guarda teus vassalos, senhor de Biscaia, que poucos são eles para te baterem a caça.

- Que dote, pois, gentil dama, vos posso eu oferecer digno de vós e de mim; que se a vossa beleza é divina, eu sou em toda a Espanha o rico-homem mais abastado?

- Rico-homem, rico-homem, o que eu te aceitaria em arras coisa é de pouca valia, mas, apesar disso, não creio que mo concedas; porque é legado de tua mãe, a rica dona de Biscaia.

- E se eu te amasse mais que a minha mãe, porque não te cederia qualquer de seus muitos legados?

- Então, se queres ver-me sempre ao pé de ti, não jures que farás o que dizes, mas dá disso a tua palavra.

- A la fé de cavaleiro, não darei uma; darei milhentas palavras.

- Pois sabe que para eu ser tua é preciso esqueceres-te uma coisa que a boa rica dona te ensinava em pequenino e que, estando para morrer, ainda te recordava.

- De que donzela ? - acudiu o cavaleiro com os olhos chamejantes - De nunca dar tréguas à mourisca, nem

perdoar aos cães de Mafamede? Sou bom cristão. Guai' de ti e de mim, se és dessa raça danada !

- Não é isso, dom cavaleiro - interrompeu a donzela a rir. - O que eu quero que te esqueças é o sinal da cruz: o que eu quero que me prometas é que nunca mais hás de persignar-te.

- Isso agora é outra coisa - respondeu D. Diogo, que nos folgares e de vassidões perdera o caminho do céu. E pôs-se um pouco a cismar.

E cismando, dizia consigo: - De que servem benzeduras? Matarei mais duzentos mouros e darei uma herdade a Santiago. Ela por ela. Um presente ao apóstolo e duzentas cabeças de cães de Mafamede valem bem um grosso pecado. E, erguendo os olhos para a dama, que sorria com ternura, exclamou: - Seja assim: está dito. Vá com seiscentos diabos.

E, levando a bela dama nos braços, cavalgou na mula em que viera montado.

Só quando, à noite, no seu castelo, pôde considerar miudamente as formas da airosa dama, notou que tinha os pés forçados como os de cabra.

Realismo

Realismo - Contexto Literário

Madame Bovary - Gustave Flaubert

A charrete de Charles parou junto do vestíbulo central, e logo surgiram criados: o marques adiantou-se e, oferecendo o braço à mulher do médico, introduziu-a no vestíbulo.

Este era lajeado de mármore, muito alto, onde o ruído dos passos e das vozes ecoava como numa igreja. Em rente via-se uma escadaria reta e à esquerda uma galeria, que, dando para o jardim, conduzia ao salão de bilhar, onde se ouviam, desde a porta o carambolar das bolas de marfim. Ema, atravessando a galeria em direção ao salão, viu em volta da mesa de bilhar homens de aspecto grave, co os queixos sumidos em largas gravatas brancas todos condecorados, e que sorriam silenciosamente ao darem suas tacadas. Acima do ornato sombrio do rodapé de madeira, viam-se grandes quadros de molduras douradas, na base dos quais havia vários nomes, em letras pretas. Ema leu: “João Antonio d`Andervilliers d`Yverbonville, conde de la Vaubyessard e Barão de la Fresnay, morto na batalha de Coutras, a 20 de outubro de 1587”. E noutra: “João Antonio Henrique Guy d`Andervilliers de la Vaubyessard, almirante da França e cavaleiro da Ordem de São Miguel, ferido no combate de La Hougue-Saint-Vaast, a 29 de maio de 1692, falecido em Vaubyessard a 23 de janeiro de 1693”. Os outros mal se distinguiam, porque a luz dos candeeiros, focalizada sobre o pano verde do bilhar, deixava todo o resto do recinto numa sombra indecisa. (...)

O marques abriu a porta do salão; uma das damas se levantou (a marquesa em pessoa), foi ao encontro de Ema e a fez sentar-se numa cadeira ao seu lado, onde esteve conversando amistosamente, como se a conhecesse há muito tempo. (...)

Às sete horas o jantar foi servido. Os homens, em maior número, sentaram-se à primeira mesa, no vestíbulo, e as senhoras à segunda, na sala de jantar, com o marques e a marquesa.

Ema, ao entrar sentiu-se envolta numa atmosfera tépida, misto de perfume de flores e de boa roupa, de odor de iguarias e de cheiro de trufas. As velas dos candelabros punham reflexos na baixela de prata; os cristais facetados, embaciados pelos vapores, lançavam uns aos outros pálidas radiações (...).

Entretanto, à cabeceira da mesa, sozinho entre todas aquelas damas, curvado sobre o prato cheio, o guardanapo no pescoço, como qualquer criança, estava um ancião comendo e deixando cair da boca pingos de molho. Tinha os olhos inflamados e um rabichinho com um laço de fita preta. Era o sogro do marques, o velho duque de Laverdière, outrora favorito do conde de Artois no tempo das caçadas em Vandreuil, nas propriedades do Marques de Conflans, que fora, segundo se dizia, amante da Rainha Maria Antonieta, entre os senhores de Coigny e de Lauzun. Levava uma vida desregrada, cheia de duelos, de apostas e raptos de mulheres, gastara toda a fortuna e assustara toda a família. Um criado, imóvel atrás de sua cadeira, dizia-lhe em voz alta, ao ouvido, os pratos para os quais ele apontava balbuciando; os olhos de Ema voltavam-se sem cessar, involuntariamente, para aquele velho de lábios pendentes, como para uma coisa extraordinária e majestosa. Vivera na corte e deitara-se em leito de rainhas !

Realismo Português - As conferências do Cassino Lisbonense

“O Espírito das Conferências” (22/05/1871), proferida por Antero de Quental:

“*Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a*

humanidade civilizada; Procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência Moderna; Estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa”.

As outras conferências:

“Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”, de Antero de Quental;

“A Literatura Portuguesa”, de Augusto Soromenho;

“A Literatura Nova (O Realismo como Nova Expressão da Arte)”, de Eça de Queirós;

“O Ensino”, de Adolfo Coelho.

- Não se realizaram as outras, por proibição da censura, por ordem do ministro do reino António José de Ávila:

A sexta conferência “Os Historiadores Críticos de Jesus”, de Salomão Saragga, e as seguintes “O Socialismo”, de Jaime Batalha Reis; “A Instrução Primária”, de Adolfo Coelho, e “A Dedução Positiva da Idéia Democrática”, de Augusto Fuschini.

A Literatura Nova (O Realismo como Expressão Nova da Arte)

1º O realismo deve ser perfeitamente do seu tempo, tomar a sua matéria na vida contemporânea. Deste princípio, que é basilar, que é a primeira condição do realismo, está longe a nossa literatura. A nossa arte é de todos os tempos, menos do nosso. Ver Eurico, O monge de Cister, A Mocidade de D. João V, O Arco de Sant’Ana;

2º O realismo deve proceder pela experiência, pela fisiologia, ciência dos temperamentos e caracteres;

3º O realismo deve ter o ideal moderno que rege as sociedades - isto é: a justiça e a verdade.

Cesário Verde

NUM BAIRRO MODERNO

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho da horta aglomerada
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-se-lhe o algodão azul da meia
Se ela se curva, esguelhada, feia,

E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:
"Se te convém, despacha; não converses.
Eu não dou mais." E muito descansado,
Atira um cobre lívido, oxidado,
Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente - que visão de artista! -
Se eu transformasse os simples vegetais,
A luz do Sol, o intenso colorista
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnis?!

Bóiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injetados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos - ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas - os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
 Nas posições de certo frutos. E entre
 As hortaliças, túmido, fragrante,
 Como alguém que tudo aquilo jante,
 Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E como um feto, enfim, que se dilate,
 Vi nos legumes carnes tentadoras,
 Sangue na ginja vivida, escarlate,
 Bons corações pulsando no tomate
 E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O Sol dourava o céu. E a regateira,
 Como vendera a sua fresca alface
 E dera o ramo de hortelã que cheira,
 Voltando-se, gritou-me, prazenteira:
 "Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!..."

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;
 E, pelas duas asas a quebrar,
 Nós levantamos todo aquele peso
 Que ao chão de pedra resistia preso,
 Com um enorme esforço muscular.

"Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!"
 E recebi, naquela despedida,
 As forças, a alegria, a plenitude,
 Que brotam dum excesso de virtude
 Ou duma digestão desconhecida.

Antero de Quental - O PALÁCIO DA VENTURA

Sonho que sou um cavaleiro andante.
 Por desertos, por sóis, por noite escura,
 Paladino do amor, busco anelante
 O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
 Quebrada a espada já, rota a armadura...
 E eis que súbito o avisto, fulgurante
 Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
 Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
 Abri-vos, portas de ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro com fragor...
 Mas dentro encontro só, cheio de dor,
 Silêncio e escuridão - e nada mais!

E enquanto sigo para o lado oposto,
 E ao longe rodam umas carruagens,
 A pobre, afasta-se, ao calor de agosto,
 Descolorida nas maçãs do rosto,
 E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
 Duma janela azul; e, com o ralo
 Do regador, parece que joeira
 Ou que borrija estrelas; e a poeira
 Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,
 Ouço um canário - que infantil chilrada!
 Lidam ménages entre as gelosias,
 E o sol estende, pelas frontarias,
 Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
 O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
 Duma desgraça alegre que me incita,
 Ela apregoa, magra, enfezadita,
 As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,
 Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
 Carregam sobre a pobre caminhante,
 Sobre a verdura rústica, abundante,
 Duas frugais abóboras carneiras.

SIMBOLISMO

Uma carniça - CHARLES BAUDELAIRE
(Tradução de Ivan Junqueira)

Lembra-te, meu amor, do objeto que encontramos
Numa bela manhã radiante:
Na curva de um atalho, entre calhaus e ramos,
Uma carniça repugnante.

As pernas para cima, qual mulher lasciva,
A transpirar miasmas e humores,
Eis que as abria desleixada e repulsiva,
O ventre prenhe de livores.

Ardia o sol naquela pútrida torpeza,
Como a cozê-la em rubra pira
E para ao cêntuplo volver à Natureza
Tudo o que ali ela reunira.

E o céu olhava do alto a esplêndida carcaça
Como uma flor a se entreabrir.
O fedor era tal que sobre a relva escassa
Chegaste quase a sucumbir.

Zumbiam moscas sobre o ventre e, em alvoroço,
Dali saíam negros bandos
De larvas, a escorrer como um líquido grosso
Por entre esses trapos nefandos.

E tudo isso ia e vinha, ao modo de uma vaga,
Ou esguichava a borbulhar,
Como se o corpo, a estremecer de forma vaga,
Vivesse a se multiplicar.

E esse mundo emitia uma bulha esquisita,
Como vento ou água corrente,
Ou grãos que em rítmica cadência alguém agita
E à joeira deita novamente.

As formas fluíam como um sonho além da vista,
Um frouxo esboço em agonia,
Sobre a tela esquecida, e que conclui o artista
Apenas de memória um dia.

Por trás das rochas irrequieta, uma cadela
Em nós fixava o olho zangado,
Aguardando o momento de reaver àquela
Náusea carniça o seu bocado.

- Pois hás de ser como essa infâmia apodrecida,
Essa medonha corrupção,
Estrela de meus olhos, sol de minha vida,
Tu, meu anjo e minha paixão!

Sim! tal serás um dia, ó deusa da beleza,
Após a benção derradeira,
Quando, sob a erva e as florações da natureza,
Tornares afinal à poeira.

Então, querida, dize à carne que se arruína,
Ao verme que te beija o rosto,
Que eu preservei a forma e a substância divina
De meu amor já decomposto!

ARTE POÉTICA - A Charles Morice
PAUL VERLAINE (FRANÇA - 1874)

A música antes de tudo
e, para isso, prefere o Ímpar
mais vago e mais solúvel no ar,
sem nada que pese ou que pouse.

E preciso também que não vás nunca
escolher tuas palavras em ambigüidade:
nada mais caro que a canção cinzenta
onde o Indeciso se junta ao Preciso.

São belos olhos atrás dos véus,
é o grande dia trêmulo de meio-dia,
é, através do céu morno de outono,
o azul desordenado das claras estrelas!

Porque nós ainda queremos o Matiz,
nada de Cor, nada a não ser o matiz!
Oh! O matiz único que liga
o sonho ao sonho e a flauta à trompa.

Foge para longe da Piada assassina,
do Espírito cruel e do Riso impuro
que fazem chorar os olhos do Azul
e todo esse alho de baixa cozinha!

Toma a eloquência e torce-lhe o pescoço!
Tu farás bem, já que começaste,
em tornar a rima um pouco razoável.
Se não a vigiarmos, até onde ela irá?

Oh! Quem dirá os malefícios da Rima?
Que criança surda ou que negro louco
nos forjou esta jóia barata
que soa oca e falsa sob a lima?

Ainda e sempre, música!
Que teu verso seja um bom acontecimento
esparso no vento crispado da manhã
que vai florindo a hortelã e o timo...
E tudo o mais é só literatura.

POESIA E SUGESTÃO

STÉPHANE MALLARMÉ (FRANÇA - 1891)

- Creio, respondeu-me ele, que, no fundo, os jovens estão mais próximos do ideal poético do que os parnasianos, que ainda tratam seus temas à maneira dos velhos filósofos e dos velhos retóricos, apresentando os objetos diretamente. Penso ser preciso, ao contrário, que haja somente alusão. A contemplação dos objetos, a imagem alçando vôo dos sonhos por eles suscitados, são o canto; já os parnasianos tomam a coisa e mostram-na inteiramente: com isso, carecem de mistério; tiram dos espíritos essa alegria deliciosa de acreditar que estão criando. Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que consiste em ir adivinhando pouco a pouco: sugerir, eis o sonho. É a perfeita utilização desse mistério que constitui o símbolo: evocar pouco a pouco um objeto para demonstrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e extrair dele um estado de alma, através de uma série de decifrações.

- Nós nos aproximamos, aqui, disse eu ao mestre, de uma grande objeção que eu tinha para lhe fazer... A obscuridade !

- Com efeito, é igualmente perigoso, responde ele, que a obscuridade venha da insuficiência do leitor ou do poeta... Mas evitar esse trabalho é trapacear. Pois, se um ser de inteligência mediana e preparação literária insuficiente abre, por acaso, um livro assim e pretende gostar dele, ocorre um mal-entendido, e é preciso colocar as coisas no seu devido lugar. Deve haver enigma na poesia, e o objetivo da literatura - não há quaisquer outros - é evocar os objetos.

Chorai Arcadas - CAMILO PESSANHA

Chorai, arcadas
Do violoncelo,
Convulsionadas.
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
Branco, os arcos.
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro.
Que ruínas, ouçam...
Se se debruçam,
Que sorvedouro!

Lívidos astros,
Soidões lacustres...
Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas.
Blocos de gelo!
Chorai, arcadas
Do violoncelo,
Despedaçadas...

Sugestões de Leitura

- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Trad. de Jamil A. Haddad.
- BOCAGE, Manuel M. Barbosa du. *Poemas Escolhidos*. Cultrix, São Paulo, 1974. Seleção, prefácio e notas de Álvaro C. Gomes.
- BUBER, Martin. *Proudhon*. In.: O Socialismo Utópico. São Paulo, Perspectiva, 1986. Pág. 37-52.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*.
- FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo, Edusp, 1977.
- GARRET, Almeida. *Frei Luís de Souza* e GARRET, Almeida. *Viagens na Minha Terra*.
- GIANNOTI, José Arthur (cons.). *Comte vida e obra*. In.: Comte. Série Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1978.
- GOETHE, J. W. *Os Sofrimentos Amorosos do Jovem Werther*. São Paulo, Clube do Livro, 1988.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A Estética Simbolista*. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *O Poético: Magia e Iluminação*. São Paulo, Edusp/Perspectiva, 1989.
- GUINSBURG, Jacó (org.). *O Romantismo*. São Paulo, Perspectiva/Edusp.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o Presbítero*.
- HUGO, Victor. *Do Grotesco ao Sublime* (Prefácio de Cromwell). São Paulo, Perspectiva, 1988.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever. In.: *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- MOISÉS, Massaud (org.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. São Paulo, Atlas, 1992, Vol.2 – Classicismo, Barroco, Arcadismo.
- MOISÉS, Massaud (org.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. São Paulo, Atlas, 1992, Vol.3.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 28ª Edição, São Paulo, Cultrix, 1995.
- MOOG, Vianna. *Eça de Queirós e o Século XIX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- NOBRE, Antonio. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1959. Coleção Nossos Clássicos.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. São Paulo: Ed. Princípio.
- PEYRE, Henry. *A Literatura Simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*.
- QUENTAL, Antero de. *Poesia e Prosa*. São Paulo, Cultrix, 1974. Seleção, prefácio e notas de Carlos Felipe Moisés.
- REIS, Carlos. *Introdução à Leitura das Viagens na Minha Terra*. Coimbra, Almedina, 1993.
- SARAIVA, José Germano. *História Concisa de Portugal*. 17ª edição, Lisboa, Publicações Europa América, 1995.
- SIMÕES, João Gaspar. *A Geração de 70*. Lisboa, Inquérito, Coleção Cadernos Culturais.
- VECHI, Carlos Alberto. *Roteiro de Leitura: Amor de Perdição*. São Paulo, Ática, 1988.
- VERDE, Cesário. *Poesia Completa e Cartas Escolhidas*. São Paulo, Cultrix / Edusp, 1982. Prefácio de Carlos Felipe Moisés.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.